

Apresentação

A reflexão sobre o Amor e o Dom que inspira o presente número da REALIS resulta da confluência de três movimentos: um deles são os estudos sobre a dádiva inicialmente sistematizados por Marcel Mauss e que inspirou a fundação do M.A.U.S.S. (Movimento Anti-Utilitarista nas Ciências Sociais), na França, e que tem como um dos seus mais conhecidos fundadores o sociólogo Alain Caillé; o segundo, os estudos que vêm sendo realizado sobre o conceito de amor-ágape pelos pesquisadores do Grupo de Estudos internacionais Social-One, de Roma, que vêm aprofundando os trabalhos do sociólogo Luc Boltanski; o terceiro, as reflexões dos animadores da Revista REALIS que vêm, a anos, buscando articular os estudos sobre a dádiva com aqueles pós-coloniais de modo a dar visibilidade ao tema da solidariedade social e moral no contexto das sociedades latino-americanas.

O propósito deste número especial é reconhecer que o amor tem uma dimensão pública, e não apenas íntima da vida em sociedade. Nossa vida cotidiana é repleta de ações e interações que possuem características excedentes e de incondicionalidade fundamentais. Esse é o desafio deste número especial: quebrar o entendimento restritivo da sociedade como um lugar do consumismo e da incerteza, a fim de descobrir o amor na vida social, cotidiana e institucional.

A confluência destas reflexões motivou a organização de um evento sobre o tema promovido pelo Departamento de Comunicação e Pesquisa Social (*Dipartimento di Comunicazione e Ricerca Sociale*) da Universidade Sapienza de Roma e pelo Grupo de Estudos Social-One o qual teve lugar no mês de outubro de 2015. Os debates permitiram sublinhar consonâncias e divergências sobre as relações entre racionalidades cognitivas e sentimentais e sobre o lugar da solidariedade no debate no interior das ciências sociais contemporâneas. Entender as perspectivas de um paradigma da solidariedade que se funda no amor numa perspectiva relacional, generosa e incondicional, num contexto em que a contabilização e a numeralização aparece como regra de organização da vida social, é um desafio teórico relevante que atravessa o presente número.

As comunicações que se seguem constituem o fruto de tal trabalho, recolhendo das principais apresentações do congresso e outras reflexões que enriquecem o quadro de análise. A primeira parte do número especial reúne o feedback de duas conferências realizadas por

P.H. Martins e G. Iorio, além de outros interessantes artigos que ilustram a riqueza do debate do congresso e assinados por I. Wagner, P. Saffray, B. Callebaut e A. Catemario. A segunda parte contém reflexões teóricas que se apoiam em estudos de caso em políticas sociais, vida cotidiana, políticas de negócios e casos institucionais, sendo aqui assinaladas as contribuições de T. Vechiato, L. Minerba, R. Demartis, S. Cataldi, G. Iorio e . Completando a edição especial estão as conclusões de M. Morcellini e de E. Gaudio, Reitor da Universidade Sapienza de Roma.

O número está subdividido em duas partes: a primeira, intitulada **Amor e dádiva: dois conceitos sociológicos** explora os aspectos conceituais do debate. A segunda, intitulada **Práticas de amor e de dádiva no social** explora aspectos empíricos e fenomênicos do debate. Os textos da primeira parte apresentam um caráter de definição buscando estabelecer com o leitor reflexões sobre o significado atribuído às palavras-chave do dom e do amor. Trata-se de examinar as potencialidades interpretativas e transformativas do dom e do amor nas ciências sociais e humanas. O artigo de P.H. Martins sobre *A dádiva e o amor como sentimentos e como planos de ação coletiva. Condições simbólicas e práticas de institucionalização de ação amoroso no campo da vida social* investiga as condições simbólicas e as práticas de institucionalização no âmbito da vida social do agir por amor. O reconhecimento dos estudos sobre o dom no interior das Ciências Sociais vem avançando mas com algumas dificuldades que devem ser assinaladas. Uma delas diz respeito ao fato que é difícil localiza-la no interior de uma única disciplina tal como a antropologia, a sociologia ou outra. Uma segunda dificuldade é sua complexidade ontológica revelada pelo seu caráter simbólico, impedindo que seja reduzida as dimensões objetivas e subjetivas. Uma terceira diz respeito às variadas representações que ela conhece entre a vida cotidiana e os sistemas formais. Por sua vez, G. Iorio, no seu artigo *O amor como ágape na práxis social: origem, definição e perspectivas* avança, a partir de uma reflexão crítica das obras de Boltanski e Honneth, uma definição inédita de amor entendido como ágape. Para ele, o debate em curso na teoria crítica sociológica entre Frankfurt e Paris, entre Luc Boltanski (2004) e Axel Honneth (2002), propõe uma conceituação original. Assim, o amor agápico pode ser relatado como um conceito útil para interpretar a formação de uma subjetividade individual não angustiada. A seguir temos o texto assinado por I. Wagner e P. Saffray que desenvolvem uma reflexão sobre o tema *Quand l'Agape est en train de mourrir ...le cas d'étude extrême d'une société "post-communiste*, tomando como exemplo o caso da Polônia. Para eles, uma questão crucial é saber quais são as perspectivas do agir agápico e do dom numa sociedade pós-

coumunista que conhece as influências de colonização da vida pelo neoliberalismo. O quarto texto deste grupo é de autoria de B. Callebaut e intitulado *A gratuidade e a reciprocidade do agir agápico, o seu relacionamento com a dádiva - desafios que vão para além do indivíduo? Um comentário à “generosa” proposta, teórico-prática*. No texto, o autor busca estabelecer um diálogo com o artigo de P.H. Martins, sugerindo que o amor tem dois papéis fundamentais como crítica e como imaginação. O amor como crítica é devido à ciência precisar sempre ter uma visão utópica dirigida ao futuro e à emancipação humana. O amor como imaginação, porque ele deve ser o motor da universidade, o núcleo da educação na comunidade acadêmica e o objetivo de professores que deveriam amar, a fim de se tornarem verdadeiros mestres da vida. Enfim, para concluir esta primeira parte temos o artigo de A. Catemario sobre *Dádiva e amor: elementos para um diálogo interdisciplinar numa ótica psico-sócio-cultural*. Na sua reflexão, o autor explora a ligação entre o pensamento de Fromm e Lubich sobre o tema da *Arte de Amar*.

A segunda parte do número sobre **Práticas de amor e de dádiva no social** reúne quatro textos. No primeiro deles, assinado por T. Vechiato e nominado *Amor y políticas sociales: el caso del welfare generativo*, o artigo ilustra a condição de bem-estar social na Itália, especialmente para as administrações governamentais locais. Estudos recentes, segundo ele, mostram que as políticas sociais têm apenas um impacto limitado no contraste das desigualdades e na prevenção da vulnerabilidade, concluindo que em alguns casos políticas locais baseadas na gratuidade e excedente permitem compartilhar experiências e melhorar a cultura do amor em contextos políticos e organizacionais. O segundo texto, de autoria de L. Minerba e de R. Demartis, tem como título *Amor e políticas sociais. O caso das Autarquias*, buscando os autores explorar algumas dimensões particulares da atual crise econômica e social. Para eles, há a necessidade de um novo paradigma que se apoie numa lógica redistributiva que tenha uma perspectiva generativa, pois o principal desafio da crise é dar centralidade aos direitos humanos e a justiça social. O terceiro artigo desta segunda parte é de autoria de S. Cataldi e G. Iorio e tem como título *O amor e as experiências cotidianas: dois casos de estudo sobre a partilha*. Os autores pretendem demonstrar que o amor, antes de ser uma categoria interpretativa, é um "conhecimento prático" que pode ser observado na vida diária de atores sociais. Dois estudos de caso apoiam a análise. O primeiro estudo de caso refere-se à escola de artes e ofícios de Santa Maria de Catamarca, na Argentina, que, através de uma revisitação criativa da cultura Calchaqui na formação e na produção de artesanato, tornou-se um volante para novos modelos de relacionamentos diários entre gêneros e culturas.

O segundo estudo de caso refere-se ao fenômeno específico de bens suspensos, nascido em Nápoles com a prática de deixar um café pago no bar para uma pessoa em necessidade. O último texto é de A. Grevain e se intitula *Amor e as políticas de empresas. A dádiva como dimensão essencial do trabalho*. Contra a tese de que a empresa é o lugar do mercado, ela sugere, inspirando-se em N. Alter, que a dádiva é um processo básico das políticas da empresa. Funda sua reflexão em pesquisa pesquisa empírica etnográfica sobre duas das empresas de saúde privadas mais relevantes na França.

Temos ainda duas reflexões muito sugestivas, uma de Mario Morcellini, e outra de Eugenio Gaudio, Reitor da Universidade de Roma que contribuem para a definição dos horizontes deste número. Na sua reflexão intitulada *O amor para além da vida privada*, Morcellini busca retratar os passos do diálogo cultural que engendrou as possibilidades de realização deste evento sobre amor e dádiva na vida cotidiano, ressaltando o diálogo entre a Universidade Sapienza e a rede Social-One para seu sucesso. Por sua vez, Gaudio sugere o amor em dois papéis fundamentais como crítica e como imaginação. O amor como crítica é devido à ciência precisar sempre ter uma visão utópica dirigida ao futuro e à emancipação humana. O amor como imaginação, porque ele deve ser o motor da Universidade, o núcleo da educação na comunidade acadêmica e o objetivo de professores que deveriam amar, a fim de se tornarem verdadeiros mestres da vida.

Finalmente, devemos registrar a resenha realizada pela socióloga colombiana Dana Milena sobre o último livro do conhecido antropólogo Eduardo Restrepo e intitulado *Escuelas clásicas del pensamiento antropológico* no qual o autor busca revisar o pensamento antropológico a partir de um olhar que articular os estudos culturais com as abordagens pós-coloniais e antiutilitaristas.

Para ilustrar a capa desta edição, foi escolhida uma imagem do conjunto de esculturas neoclássicas “Amore e Psiche”, do italiano Antonio Canova (1757-1822), que se encontra exposta no Museu do Louvre. Psiche e Amore-Cupido são os dois protagonistas de uma das histórias narradas na ópera “As Metamorfoses” de Lucio Apuleio. O conjunto de textos deste número reflete sobre como o amor e a dádiva, em suas variadas manifestações, constituem sentimentos e ações coletivas imprescindíveis para compreender as complexas realidades contemporâneas, marcadas por injustiças, intolerâncias, violências e desigualdades, mas também por esperanças, empatias, reconhecimentos e solidariedades. O conjunto escultórico de Canova foi realizado entre 1787 e 1793 e retrata os personagens tentando se

(re)conhecerem na escuridão após terem sido acometidos pela “flecha do amor”. Trata-se de uma poética metáfora para as conjunturas geopolíticas, econômicas e socioculturais que vivemos na atualidade, “nos tempos da contabilidade”, que são tão bem refletidos nos artigos desta edição e onde, assim como Amore e Psiche, necessitamos perceber nossa natureza humana nos “outros”, fortalecendo a nossa própria sobrevivência através dos vínculos afetivos e solidários.

Agradecemos aos colegas do Editorial da Realis, Marcos de Araújo Silva e Ana Flávia Figueiredo. Marcos pesquisou sobre a imagem da capa deste número referente ao precioso encontro entre Psique e o Amor e ambos ofereceram valioso trabalho na tradução e organização dos resumos.

Gostariamos de fazer, finalmente, um agradecimento especial ao sociólogo Lucas Galindo, um militante das causas da dádiva, que teve participação especial para o sucesso congresso e deste número. Galindo foi um dos organizadores do seminário e quem fez o convite a Paulo Henrique Martins, um dos editores da REALIS, para participar do congresso em Roma. Seus estudos sobre o Agir Agápico tem um valor especial para todos aqueles pesquisadores, brasileiros e italianos, que estudam o tema do fundamentos morais e afetivos da vida social.

Recife (BRA) e Roma (ITA), Setembro de 2016

Silvia Cataldi e Paulo Henrique Martins